

ONDE A VIDA ACONTECE

Crônicas e histórias da várzea barbacenense

Este livro de crônicas é um produto jornalístico desenvolvido na disciplina de Projetos Experimentais II; produzido como requisito para a obtenção do Bacharel em Jornalismo, na Universidade Federal de Ouro Preto.

Idealização: Lorena Giovana Correia

Orientação: Hila Rodrigues

Diagramação: Lorena Giovana Correia

Ilustrações: Lucas Adriano Chaves Pinto e Lorena Giovana Correia

Ao futebol, que me dá vida e motiva a sonhar.

*“Toda visão é relativa, assim como todo conhecimento.
Inventamos nossas experiências. E o que inventamos
podemos destruir”.*
Irvin D. Yalom



P.06

Onde tudo começou

P.09

Goleiro voador



P.12

Rivalidade, um tempero especial

P.13

"O que move o futebol é a várzea"

P.18

Confiança cega

P.21

Meteórico sonho juvenil

P.23

Memória

P.25

Decadência



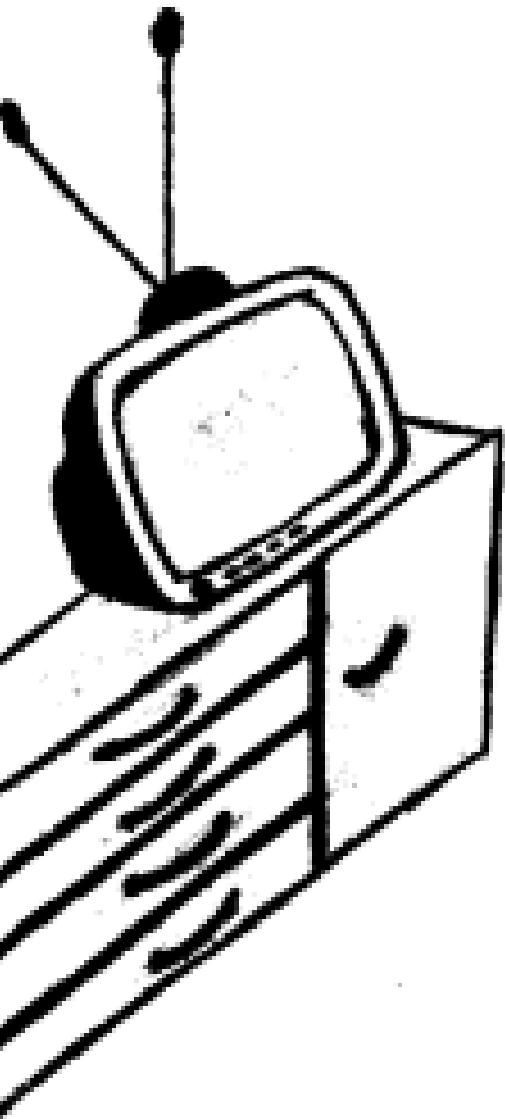
Onde tudo começou

A data era 9 de julho de 2000. Em quatro linhas belorizontinas dois times decidiam a final da copa do Brasil. Com a tensão do primeiro jogo, terminado em empate sem gols, o São Paulo até tentou, abrindo o placar aos 20 minutos do segundo tempo. Pouco mais de 171 quilômetros dali, pai, mãe (grávida) e um filho de 3 anos assistiram ao empate do time mineiro pelos pés de Fábio Júnior, aos 34 minutos do segundo tempo: Cruzeiro 1, São Paulo, 1. O resultado que levava o jogo para os pênaltis só durou mais 10 minutos. Aos 44, Geovanni, de falta, fez o Mineirão inteiro vibrar – e fez o bebê chutar a barriga da mãe. Coincidência ou não, aquela criança – que nasceria pouco mais de três meses depois – levou o nome de Lorena Giovana. E nasceu apaixonada por futebol.

Talvez os mais céticos pensem que isso foi mero acaso. Mas, dotada do misticismo que também envolve o esporte, prefiro acreditar em destino. O futebol é a arte dos enredos, das narrativas imprevisíveis e dos roteiros cheios de reviravoltas que fazem inveja ao melhor dos escritores. Varzeano ou profissional, o futebol é mágico. O esporte mais famoso do mundo deu sentido à vida de muitos, assim como deu sentido à minha. Cresci à beira dos campos abertos, na várzea barbacenense. Fui ‘mascote’ do time do bairro, ralei braços e pernas subindo e descendo barranco para buscar bola, ajudei meu pai nos times por onde ele treinou para eu conseguir uma vaguinha e assistir aos jogos do campo. Para isso, eu o ajudei como roupeira, gandula, seja lá o que fosse necessário. Vi a várzea se tornar ainda mais indispensável no meu dia a dia.

Hoje, quase 23 anos depois do primeiro chute, ainda na barriga da minha mãe, continuo a perseguir a bola, mas fora dos campos. Procurei no jornalismo uma forma de manter minha paixão viva – e sempre o mais próxima possível. Mas tive também muitas dúvidas. Por exemplo: será que eu conseguiria atuar na área que tanto busquei? Caso a carreira dê certo, será que vou poder frequentar os estádios e assistir ao meu time do coração em meio àquela maravilhosa bagunça da arquibancada lotada do Mineirão? O futebol de várzea preencheria o espaço de frequentar grandes estádios? Ou até, é possível que o trabalho que tanto quis desgaste a minha relação tão boa com esse esporte?

Com as crônicas deste livro, meu desejo é passar ao leitor um pouco das sensações que eu experimento nesse ambiente caótico e maravilhoso no qual cresci e me formei amante do futebol. Não daquele modelo europeu – considerado por tantos um futebol de tática quase perfeita – mas do futebol que envolve o calor da torcida brasileira, os jogos de qualidade duvidosa que, no mínimo, nos divertem muito com uma ou outra “furada” na bola, assim como o “frango” de goleiro; para mim, melhor até do que a qualidade técnica e tática das equipes europeias, é a emoção sentida nos jogos aqui, e emoção é o que não falta na várzea.





Goleiro voador

O goleiro é geralmente o atleta mais alto do elenco, tem envergadura invejável e mãos deformadas pelos anos de choque entre ela e a bola, isso ou... “goleiro não precisa de altura, precisa de impulsão e boa colocação” como sempre ouvi meu pai dizer. A posição menos badalada e mais ingrata do futebol no finado time do Recreativo Cruz Machado, em Barbacena, Minas Gerais, era ocupada, em meados de 2002, por um jogador de 1 m 72 de altura, de muita personalidade e cujo apelido “boi” foi herdado de um irmão mais velho. O então adversário, time da comunidade dos Periquitos, sentiu uma alegria momentânea ao ver o goleiro, baixinho e musculoso, uniformizado.

– Olha o tamanho do goleiro. – diziam uns.

– É pesado, só chutar que passa. – respondiam os adversários do Recreativo.

A estratégia estava traçada: chute de fora da área, do meio de campo, de gol a gol... Afinal, “é só chutar que passa”. O craque dos Periquitos era uma celebridade local por já ter treinado no Atlético Mineiro, um dos grandes da capital. O que não sabiam os rivais era que o goleiro também poderia ter se tornado um profissional – não fosse seu pai, que o impediu de treinar no Cruzeiro porque o filho “ia caçar jeito de quebrar um braço na capital e voltar pra casa dando trabalho”. Mais de 20 anos antes, o arqueiro havia sido “descoberto” por um olheiro que o viu jogar, quando adolescente, numa pelada em campo de chão batido, onde hoje fica a rodoviária da cidade.

O combo entre a qualidade do centroavante e o vento quase traiu o arqueiro malandro que até ali pouco tinha trabalhado. O primeiro chute a gol jogou a bola acima da trave. E foi quando o vento a fez parar no ar por um milésimo de segundo, mudando sua trajetória. Já não ia para longe da trave. Cairia quase na gaveta, não fosse o goleiro baixinho buscá-la.

– Esse ‘golerin’ teve sorte. – gritava a torcida do time de Periquitos

– Isso foi cagada pura. – gritou, de longe, um torcedor do Periquitos – O Zézinho treinou no Atlético, você não vai aguentar a pressão, goleiro.

Boi, que até aí ouvia tudo calado, aproveitou a rivalidade entre os grandes mineiros para provocar de volta a torcida:

– Aí é que não vai sair gol dele mesmo. Eu não gosto de atleticano.

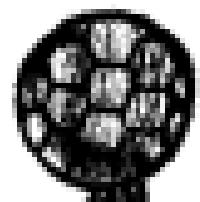
Mais uma vez, o jogador treinado no Galo chutava a bola, que ganhou força com o

vento e ia caindo quase onde a coruja dorme, não fosse a impulsão do goleiro baixinho do Recreativo. Desinibido que era, Boi não deixava barato as provocações.– E aí, meu amigo, foi sorte outra vez? – provocou um torcedor, já impaciente com a falta de êxito do jogador preferido.

– Deixa o Zézinho pegar uma bola redondinha, cê vai ver a potência – retrucou.

O goleiro acompanhou a terceira bola na gaveta, desta vez a jogada com assinatura da qualidade de um “quase profissional”, e foi buscar no alto, caindo abraçado à pelota.

O resultado do embaraçado embate entre Recreativo Cruz Machado e Periquitos, terminou em derrota do visitante, 3 a 1 foi o placar final. Mas quem roubou a cena do jogo, mesmo com a derrota, foi o goleiro voador, como ficou conhecido na região. Naquele dia a teoria de que goleiro não precisa de altura, mas de impulsão e bom posicionamento, foi provada. O problema ficou por conta dos três gols sofridos e, com o perdão do trocadilho, da falta de ataque do Recreativo.



Rivalidade, um tempero especial

O domingo por aqui geralmente começa cedo: às 8h já estamos de pé e às 9h chegamos aos campos. Dois ou três jogos seguidos enchem de enredos e risadas o dia mais parado da semana. Hoje, no entanto, o espetáculo está marcado para às 11 h. As margens do campo, com aquela mistura de grama de jardim e terrão, vão se enchendo de gente. Aqui o camarote é a rua, num nível acima das quatro linhas – o que permite uma visão melhor do jogo. É dia de final. Barcelona e Goiás se enfrentam para decidir quem vai ser o campeão de uma disputa cheia de rivalidades. Os times deixados para trás são todos de bairros próximos ao Ipanema, sede do campo do Barcelona, onde todos os jogos se realizaram.

Das primeiras rodadas até aqui, os treinadores traçaram as mais diversas estratégias, desde inscrever jogadores que dificilmente compareceriam (para desfalcar o adversário, impedindo que pudessem jogar para os rivais), até investir nas mais honestas tentativas de trabalhar o fraco elenco que estava ali, sob o comando. Mas, de fato, apenas os melhores sobreviveram. Ainda assim, muitos jogadores, de ambos os lados, só compareceram à final.

Entre uma conversa e outra com os amigos corneteiros de plantão, antes do apito inicial, os flashback dos jogos e seus contextos apareceram em minha mente. Durante meia hora, vi 'jogadores caros' que, atrasados, dirigiam-se ao vestiário com passos firmes, passos de quem se julga o atleta mais importante do elenco. A manhã mais silenciosa de concentração esconde as olheiras de quem virou a noite na farra, mas não larga a bola por mais algumas horas de sono. Finalmente, os personagens do enredo, uniformizados, aparecem em campo. Nos jogos anteriores, o banco de reservas foi ocupado mais pela torcida do que por jogadores suplentes. Hoje, somam 20 jogadores para um lado e 23 para o outro.

— Podem quantas modificações hoje? – pergunto. É que várzea tem sua própria lei. Se nas regras do futebol são permitidas cinco alterações, aqui o "combinado não sai caro". Geralmente somam-se duas ou três modificações ao número oficial.

— Acho que seis... Seis ou oito — responde meu companheiro nas aventuras futebolísticas, para complementar, pouco tempo depois: – Na verdade, não sei. Esses regulamentos tão cada vez mais doidos...

Finalmente vem o apito inicial. Fica muita gente boa de fora do Barcelona, principalmente. O professor opta por quem acompanhou e levou o time à final.

— Na final se deve entrar com o que há de melhor — São os burburinhos que se ouvem fora das 4 linhas — Quem quer ganhar não deixa os melhores de fora!

A partida é animada dentro e fora de campo. A arbitragem da cidade vizinha, apita e bandeira entre gritos de "tá achando que vai sair vivo daqui?". Dentro de campo a final é, de longe, o melhor jogo da Copa de Verão – nome do campeonato que, curiosamente, termina em pleno inverno. É um jogo “de trocação”, como diriam os comentaristas, mas as melhores chances nos primeiros minutos são do Barcelona, que não converte nenhuma.

O Goiás, por outro lado, tem boa fase evidente. A bola parece perseguir o principal atacante que, só na semifinal, fez 3 gols. – BUUUUUM – as bombinhas vão na direção do goleiro do Barcelona, e boa parte da torcida vai à loucura. Os times e seus seguidores estão todos contra o Barcelona. Uns dirão que por vingança, outros por inveja ou orgulho ferido, talvez. Mas esse é apenas o peso das rivalidades no território.

– BUUUUUM – mais uma bombinha voa em direção ao goleiro, e o objetivo vai se cumprindo. É possível ver a face de desconforto do arqueiro adversário.

A partida é boa, mas alguns dos craques de bola passam apagados. O Barcelona perde boas oportunidades, e no futebol todo mundo sabe: quem não faz, leva! A tensão começa a tomar conta. Entre uma série de bombinhas jogadas ao campo atrás das duas metas, são visíveis as ameaças aos árbitros e o delírio dos treinadores. Torço para o Barcelona hoje, só pra contrariar toda a braveza das outras quatro ou cinco torcidas unidas pelo ódio ao time da casa.

Mais um erro de passe no meio campo. Um artista do acaso goiano espana a bola pro alto, ela sobe lenta, viaja devagar, girando. GOLAÇO – grita a plateia! Segundos atrás, mais uma bombinha arremessada em direção ao gol do Barcelona. O goleiro se adianta, joga da entrada da grande área. Enquanto isso, a bola viaja, parece cair em câmera lenta. O guarda-meta corre de costas para o gol, encarando a trajetória da bola, e estica a mão – mas já era tarde. Ela está sempre um passo à frente e vai morrer na gaveta, limpa, cruel, fria.

Enquanto o Goiás comemora e o Barça lamenta, os torcedores, alvoroçados para o bem e para o mal, jogam mais bombinhas no gramado falhado, e tiram sarro da falha do goleiro. Os corneteiros da bombinha fizeram a diferença: desestabilizaram, deslocaram o goleiro para a sorte do agora artilheiro que, diga-se de passagem, nunca mais fez um gol desses. A disputa segue. Em jogada construída do lado esquerdo, ainda no campo de defesa do goiás, a ligação é feita para a zona intermediária do ataque. Murilo carrega a bola pela ponta esquerda, toca para Gustavo na entrada da área, que já recebe e bate sem pestanejar: bola no cantinho esquerdo do goleiro, que fica no chão por alguns segundos.

A essa altura, o Barcelona, visivelmente abalado, começa a fazer alterações. Sai de um sistema com três volantes para, finalmente, colocar o meia-armador. Com 2x0 no

placar e já no segundo tempo, a mudança veio tarde.

No segundo tempo, com a jogada novamente começando pelo lado esquerdo, Murilo, o artilheiro do campeonato, ainda fez mais um, em velocidade. O goleiro até tenta sair e fechar o ângulo, mas a bola vai acabar rasteira, outra vez no canto esquerdo do goleiro. O melhor jogador do Barcelona até então consegue, ainda, o gol de honra – agora jogando com um homem a mais. Pelo lado esquerdo, o camisa 9 do time da casa bate a bola rasteira e cruzada, que vai morrer no canto esquerdo do arqueiro do Goiás. O juiz apita o final do jogo. Depois de acréscimos intermináveis, o time da casa perde no seu próprio campo, e num jogo brigado com e sem a bola, de confusões e empurra-empurra.

Dizem as más línguas que é o ditado popular do futebol que se cumpriu: “Toda arrogância será paga”. E que o Barcelona teria entrado de salto alto, com o jogo ganho antes mesmo de disputado... Apesar da minha torcida pelo time da casa, é certo que o resultado foi justo. De um jeito ou de outro, a taça ficaria em território conhecido dos times do mesmo quintal. O único a sair infeliz do gramado foi aquele que, antes do apito final, era o favorito ao título.

Clique aqui e conheça o campo do Barcelona, bairro Ipanema. À direita a arquibancada de onde foram arremessadas as bombinhas.

"O que move o futebol é a várzea"

Os domingos no interior são dias únicos. Na região central da cidade, os idosos se reúnem para jogar baralho logo cedo. Depois da missa, nas ruas, vemos grupos de vizinhos reunidos nas calçadas. Quase não passam carros nos bairros mais afastados do centro, e as crianças ainda brincam na rua. Aqui, em Barbacena, o domingo é dia de busca pelos jogos varzeanos da cidade. Mais do que futebol, os campos são lugares de reunir os amigos, rever velhos conhecidos, separados pelo tempo – e até inimigos feitos nos áureos anos que o lugar de pertencimento dos apaixonados pelo futebol de várzea era dentro das quatro linhas.

No meu caso, nunca joguei bola. Mas durante o tempo em que acompanhei os jogos na cidade, vi que meros conhecidos vão se transformando em colegas – e, quando menos se espera, uma relação de amizade imprevista é criada. Descobri, por exemplo, que um senhor pequeno que eu via com frequência, vestido com roupas esportivas, quase sempre azuis, e que carregava sempre uma cadeirinha de praia (houvesse ou não uma arquibancada no lugar), era Mauro Chaves, ex-presidente da Liga de Desportos da cidade, notório membro da sociedade futebolística barbacenense.

O senhorzinho marrento e engraçado já viu e viveu muito no esporte de Barbacena. Viu as peladas se tornarem futebol varzeano e viu o crescimento de times como Olympic, “o clube da elite”, nas palavras dele, assim como o Villa do Carmo, “o clube do povão”, o América, “clube da boa vontade” e o Andaraí, “clube dos pobres”, segundo ele. Mauro acompanhou grande parte da evolução do esporte na cidade, e conhece como ninguém a história do município. Certa vez me falou de outros times, alguns que nem cheguei a ter conhecimento sobre com algumas descrições tais como: “União do bairro Pontilhão tinha, como jogadores, pessoas que, em sua maioria, trabalhavam da Fábrica São José. Jogavam em um campo na rua Floriano Peixoto, de propriedade da tecelagem. Já o Colônia contava com funcionários do Hospital do mesmo nome, hoje Hospital Regional, e do Sanatório, hoje, Fhemig, e eram empregados do estado. O campo é ali, atrás do DER, sabe? Hoje é intitulado campo do Áureo. Já o Cruzeiro, do desportista Brexela, havia conseguido um terreno. Construiu um campo, hoje campo do Santa Efigênia. O objetivo era realizar os jogos ali, mas o campo foi barrado pela Liga e, então, o Brexela o entregou à equipe do Oriente, do mesmo bairro. Outro time, o Independente, surgiu com policiais militares e seu campo para treinos e jogos era onde está situado o atual Colégio Tiradentes.”

Mauro me mostra todo o seu repertório sobre o futebol da cidade – e mostrará a quem tiver interesse suficiente para perguntar, já que perguntei, ele me explica que o primeiro campeonato oficial de futebol amador da cidade aconteceu 1984. Que naquele tempo, a organização das partidas era invejável. Havia limite de jogadores e comissão inscrita. E que, imagine só, não cabia aos jogadores e clubes arcar com os custos de arbitragem, bolas ou redes para os gols, como acontece hoje. É claro que

esta realidade, hoje inimaginável, não duraria muito. Afinal, como diz o ditado, tudo o que é bom dura pouco.

Mauro também conta que, apesar da tentativa da Liga de emplacar campeonatos, era inevitável a venda de alguns campos para a iniciativa privada. Destacou também a morte de alguns clubes junto dos seus fundadores... Ele me diz que, nos anos de 2000, então, foram muitos os clubes que deixaram de existir, e que a mistura de futebol amador e varzeano passara a ser fatal. Daí em diante, se algum dia houve de fato alguma diferença entre eles, esta passou a se tornar insignificante.

Entre uma dividida de olhar entre o campo e o narrador dos relatos da vida de boleiro, perco a jogada do gol. Normal. A atenção fragmentada entre a curiosidade histórica e os lances de um jogo morno tornam o esporte ainda mais imprevisível. Mesmo que o olho permaneça no campo, a mente divaga e tenta recriar as memórias ouvidas durante o tempo. Talvez seja esse o ponto alto da minha semana, a conversa mais interessante dela, com certeza. E melhor ainda: sem que eu precisasse falar algo mais que uma palavra monossilábica. Minha atenção retorna ao papo quando Mauro fala sobre o jogo entre Guarani e Santa Efigênia (meu time da infância, do terreiro de casa). Era a partida que o Santa Efigênia precisava vencer para passar de fase, mas perdeu.

– Espera, perdeu? – interrompo.

– Sim, perdeu – ele responde – Pelo menos dentro de campo perdeu. Sô Amado, que era presidente na época, entrou com recurso porque... Você não acredita...

Nessa hora eu senti que estava a instantes de ouvir uma bela pérola de história. Ele continuou:

– O jogador adversário entrou com uma meia vermelha e outra verde, o que não era permitido. Acredite ou não, ganhou o recurso, por mais bobo que possa parecer. Depois do ‘tapetão’ ainda jogou e ganhou a final, com o regulamento debaixo do braço. Naquele tempo não podia dar mole!

Bem, esses eram outros tempos... Penso comigo mesma: hoje em dia algo assim não seria possível. Naquela época havia certa ordem, mais respeito aos regulamentos e até às regras do futebol realmente.

O papo longo vai se acabando junto com o segundo tempo do jogo – sim, há jogo ainda, mesmo que seja o segundo plano no roteiro. E o final da conversa foi marcado pela ideia de que, realmente, apesar das tentativas de reviver velhos times, campeonatos, até a importância e influência da Liga de Desportos, a intensidade e força do futebol barbacenense nunca foi retomada de fato.

Mauro me fala, então, algo particularmente bonito. Diz que “a várzea é que move o nosso futebol”. Na minha experiência, o que ele diz é verdade. Realmente são os dirigentes e jogadores que, dia após dia, lutam para manter financeiramente os clubes e o futebol daqui. Por vezes, meu pai também arcou com lavagens de uniformes sozinho, como outros tantos treinadores da várzea.

É... – Mauro emenda – Futebol na várzea, seja com campeonato organizado ou não, sempre existirá onde houver um raspado, um campo de futebol e jogadores que gostem de chutar uma bola. Em Barbacena ou em qualquer outro lugar deste país. Afinal, o Brasil ainda é o país da bola, não é?

Ele recolhe a cadeirinha de praia, despede-se e desce ao campo com requintes de celebridade municipal. Todos os jogadores pegam na sua mão como se pedissem a benção do ex-jogador e presidente que, apesar da pouca estatura, ainda é um gigante na várzea de Barbacena.

“A várzea é o que move o futebol” – suas palavras ecoam na minha cabeça, enquanto faço o caminho de volta para casa. Se a várzea move o futebol, o que ainda move a várzea é o amor puro e simples pelo futebol.

Confiança cega

Mais um dia normal na várzea barbacenense, a localização precisa é o campo do Galego, uma comunidade mais afastada da cidade. O campo fica no alto de um morro forte e grande como se fosse um Olimpo, mas sem o "Glamour" do mesmo, chegando no topo damos de cara com uma igreja, rodeada de uma cerquinha baixa de arame farpado, e ali, mais atrás ainda, fica o campo de futebol. O Campo é bem pequeno, dificultando o jogo dos que têm mais habilidade com a bola no pé, e telado de um lado ao outro que também é cercado de pequenos arbustos que se encontram em um barranco íngreme que só.

Aquele dia já começaria difícil com o atraso de alguns dos jogadores do time de Santa Efigênia que começou o jogo com jogadores improvisados e, na metade do primeiro tempo já tinha levado dois gols. No primeiro o meia, "craque" do time perdeu a bola dribrando, o adversário deu um chutão e caiu dentro do gol, o segundo gol o lateral direito fez a falta e na cobrança a linha defensiva não acompanhou o cruzamento e um dos rivais cabeceou sozinho. O terceiro gol ainda marcaria o jogo. A bola lançada para o campo de defesa do Santa Efigênia, o lateral esquerdo mata a bola no peito, virado para o seu próprio goleiro, na beirada do campo todos viram a bola no peito e depois no chão. Houve comoção dos jogadores do Oriente, gritaram e cercaram pedindo falta por bola na mão e o juiz, que apitava sem nenhum assistente na lateral, apita longos segundos depois, falta para o Oriente. Bem na quina da grande área do lado direito do ataque e esquerdo da defesa do "figênia".

Quando se viu a comissão e jogadores do Santa Efigênia já estava também rodeando o juiz baixinho e franzino reclamando da marcação errada.

— Pô juizão, o lateral tava de costas, como cê pode ter visto que foi braço

— Não tem discussão, já marquei a falta — Começou o juiz — E o atacante falou que pegou no braço, o atacante deles não mente!

Aí é que o caldo entornou, se tem uma coisa que todo jogador de futebol faz é mentir. Não é toa que a regra consta cartão amarelo para quem simular, mas é que no futebol fica a impressão é de que vale (quase) tudo para ganhar e defender os seus, desde que não seja pego e na várzea não tem VAR, mal mal um trio de arbitragem nos campos maiores.

Preparou, autorizou o árbitro, o atacante partiu para a batida e... o goleiro tentou, mas não é muito bom na saída do gol, a bola passa por ele no alto do seu lado direito, gol. 3 a 0 foi o placar para o horror da torcida do Santa Efigênia que já gritava com o treinador pra trocar a zaga.

— Já tá 3, vai esperar tomar 5? — Gritava meia dúzia de pessoas fora da grade do campo

– Deixa um lateral desses e não me coloca – Falava um dos jogadores ao chegar atrasado – Mesmo quando um jogador chega atrasado tem que entrar com o que há de melhor!

– Tira o Patrick – Gritavam outros querendo a saída do primeiro volante.

O treinador que já não era nada calmo ficava em silêncio e me repetiu algo que já tinha falado antes

– O meio campo não tá funcionando, é o meia que tá perdendo a bola fazendo graça, a culpa não foi da zaga. Agora só mudo o time no intervalo, vai sair o Michael que entrou pra fazer segundo volante e não faz nem a dele nem dos outros e vai entrar o Marçal – Volante que estava no seu primeiro jogo com o time e ainda ia ser observado pelo treinador

– Não vou queimar jogador que tá vindo todo jogo e chega no horário para pôr os estrelinhas que chegam atrasado.

Sufoco vai, chance perdida vem, e o primeiro gol do Santa Efigênia acontece, acaba o primeiro tempo. O misto de alívio do apito final e a cabeça fritando com a chance da virada com as modificações certas. Saiu Michael e entrou Marcelo, entrou também um atacante e fez- se uma troca de laterais, a ideia era ver como o time ia se comportar. O árbitro chama para reiniciar o jogo.

O segundo gol veio pouco depois do reinício de jogo. O terceiro não tardaria a acontecer. A mudança de volantes acertou a marcação no meio de campo e Jogo empatado, 3 a 3, faltando pouco tempo para o final do jogo, do duelo que ainda iria se repetir nas quartas de final, no campo do Vila do Carmo. Era o último lance do jogo, Wesley fica sozinho dentro da área, ele e a trave apenas, um dos melhores jogadores do time fica de cara para o gol, tudo parece girar em câmera lenta. Ele finaliza, a bola vai em direção ao gol, calma, e no meio daquele caminho curto começa a desacelerar. Todo mundo, Oriente e Santa Efigênia, treinadores e reservas, o juiz, a moça da barraquinha, todo mundo fixa o olhar naquela bola que, lentamente, passa raspando a trave do lado de fora. A grama alta e pesada levou a pelota para fora de campo, o desapontamento “UUUUUHHHH” vinha de todos os lados, o atacante sem acreditar leva as mãos na cabeça.

Acaba o jogo no Galego, apesar de todo o sufoco e esforço o jogo termina empatado. O drama parecia ter terminado até que o juiz vai pedir um lanche na barraquinha, O treinador do Santa Efigênia passa na barraquinha, o árbitro acha que vai tomar uns sopapos depois da confiança cega no atacante do Oriente.

– Cara fica tranquilo, eu não vou te bater, até porque eu acho que você nem fez de propósito. Não te acho mal intencionado, você só é ruim mesmo! – O treinador fala pra delírio dos jogadores e comissão que estavam junto, e, mesmo empatando, vão embora em gargalhadas.



[Clique aqui e conheça a localização do campo do Galego.](#)

O meteórico sonho juvenil

Reza a lenda que os anos 70 e 80 foram gloriosos para o futebol barbacenense, quando craques de bola da cidade estavam nos grandes clubes mineiros. Nessa época, além de talento para jogar aqui, ou nos clubes profissionais, era necessário ser versátil, se adaptar a, pelo menos, duas posições. Foi também na segunda metade da década de 70 que um moleque franzino se destacou nos terrões da cidade. Em um bairro periférico de Barbacena, num terreno plano que esperava a construção da nova rodoviária da cidade, foi improvisado um campo de terra vermelha que recebia as peladas dos jovens do bairro São Pedro e disputas de duplas – quando dois jogadores ficam no gol, um na linha e outro no rebote. Nessa modalidade, gol direto vale 1, gol direto do rebote vale 2 e gol de letra 3.

Durante uma dessas peladas com jovens de 20 e poucos anos, um moleque adolescente se destacava e tinha vaga cativa entre os mais velhos. Oitavo filho de 11 irmãos, Márcio costumava ser sacaneado pelos mais velhos, mas nunca dentro das quatro linhas. O jovem, desde muito novo, era talentoso e jogava nas mais diversas posições. Começou como atacante, mas foi se encontrar na mais solitária das posições: o gol.

No meio dos adultos, o baixinho se sobressaía embaixo das traves. Defendia as bolas mais altas e difíceis e chamava atenção da plateia, que se juntava em volta das quatro linhas imaginárias que separavam o campo e os espectadores. Em meio à audiência, um velho conhecido do pai do goleiro se impressionava com tamanha elasticidade do menino, e correu para contar ao amigo Carlindo.

— Carlin, cê não vai acreditar! Teu filho tá dando um show nos marmanjos ali embaixo — falou com o amigo, na porta do bar.
— Filho meu? — indagou, incrédulo, para afirmar, em seguida: — Impossível! Nenhum menino me puxou com a bola no pé. Ninguém lá em casa tem talento pra coisa.
— Seu filho, sim, Carlin, o mais branquinho deles! Fechou o gol jogando com os moleques mais velhos, no descampado ali.

O velho Carlindo foi até o campo para verificar se o precoce goleiro do time com camisa era ou não era seu filho. Mas parou de longe, na trave feita de chinelos, do outro lado do campo.

— Esse moleque não é meu filho nunca!
— Que isso, Carlin! Não conhece o próprio filho, não? Chega mais perto pra ver. É o Márcio, o seu moleque, na trave do outro lado!

Devagarinho, ele foi se achegando até a trave do espalhafatoso e, agora, famoso goleiro. Surpreso, e agora mais perto, Carlindo finalmente reconheceu um dos seus mais novos no meio da pelada:

– Não é que é o Marcinho mesmo? – cochichou, baixinho.

Então ficou ali, calado, por mais alguns segundos, vendo aquele menino franzino e asmático crescer a cada defesa. Aos poucos, foi perdendo a timidez e começou a vibrar com cada espalmada e encaixe do garoto na bola. De repente, o goleiro juvenil olha pra trás e se surpreende com a cena diante de seus olhos: seu velho, com um sorriso de orelha a orelha, fazendo papel de gandula.

Naqueles tempos de ouro do futebol barbacenense, os moradores da cidade que tinham contato com dirigentes e coordenadores de futebol da capital costumavam levar os garotos que se sobressaíam para fazer testes nos grandes times da capital. Com Márcio não foi diferente. Ao final da partida, a ideia era levar o garoto para fazer um teste no seu time do coração, o Cruzeiro Esporte Clube.

Apesar da empolgação alguns minutos antes, o pai acabou não permitindo. A negativa foi certa e rápida, sem deixar espaços para lamentos e súplicas:

– Filho meu não vai pra time nenhum. Isso aí é caçar jeito de quebrar um braço ou uma perna. Vai é dar trabalho pra gente depois! Vão embora! Moleque, passa pra casa!
– bradou Carlindo, conduzindo o filho para o caminho de casa. Na tentativa de consolar o garoto, emendou – Eu tenho um amigo que é dono do time do Santa Efigênia, vou te levar pra jogar pra ele.

O garoto, a essa altura tomado pela revolta, rebateu:

– No Cruzeiro eu não posso jogar, mas quer me levar pra correr naquele campo de cascalho do Santa Efigênia? Ô pai, aí não, vou é nada... Lá é que eu quebro uma perna. E pior é que ainda não ganho nada.

Memória

Existem pessoas que, mesmo que morram, continuam vivendo dentro da gente. Marcam a vida e a história de cada um, de um movimento, de um esporte. Até hoje é assim com Zé Antônio, mais conhecido como 'Totonho' pra quem conviveu com ele dentro e fora dos gramados. Futebol barbacenense e Totonho são como uma associação básica, fundamental durante a minha experiência no esporte da cidade.

O time do Santa Efigênia renasceu de uma vontade dos próprios moleques, que já são homens feitos hoje, mas que cresceram jogando no campo do Oriente, defendendo em campeonatos juvenis o verde e branco do 'Figeninha'. Com eles renasceu também uma dupla de sucesso. Campeão juvenil de 2011 com esse mesmo time, esses mesmos 'moleques', Márcio e Zé Antônio, eram treinador e auxiliar, os dois ao mesmo tempo. Quase dez anos depois, a dupla e boa parte do elenco campeão estavam reunidos para levantarem a taça outra vez.

O segredo do sucesso estava nesse dueto da comissão técnica. Márcio era mais sério, centrado, focado na tática e técnica do jogo. Era a razão. Totonho era a emoção, acompanhava o jogo como se estivesse ele mesmo dentro da demarcação do campo. Era ele o motivador dos dois, especialista nas melhores preleções. Era assim que essa parceria de sucesso acontecia – um motivava e o outro orientava. Retomada durante a Copa da Amizade, a sinergia do duo foi avassaladora. Chegou até a final escorando a boa atuação também nos papos: “Galera, vamos lá! Chegou lá na frente é botar a bola pra dentro, se não, já sabe a bola, ela te pune!” ou então “Você precisa devorar a bola, se não a bola te come.”.

Essas preleções poéticas e entusiasmadas dadas por Totonho, rendiam ao vestiário o melhor clima possível. Ninguém parava o renascido Santa Efigênia. A semifinal já guardava grandes emoções e, a cada minuto, gritos de “Calma, Totonho, cê vai infartar aí ainda!”, e “Lá vai ele outra vez, manda o Totonho sair do campo!”, ou, ainda, “Totonho, cê vai caçar jeito é de ser expulso, fica quieto aqui no banco!” eram ignorados por ele.

Ainda era o primeiro tempo quando o atacante Éder caminhou com a bola pelo lado esquerdo e Totonho, já invadindo o campo, gritou a plenos pulmões:

- VAI EDER, VAMOS! Éder passou para Thiago, que acompanhava a jogada, enquanto Totonho invadia ainda mais o campo ao som dos gritos da comissão técnica.
- SAI DAÍ, TOTONHO! VÃO INVALIDAR A JOGADA!

Já na entrada da área, Thiago devolveu para Éder, que pôs a bola pra dormir na rede. Chuva de cerveja no campo. Totonho pula como se acabasse de presenciar um gol de final de Copa do Mundo, como se ele tivesse acabado de fazer o gol do título mundial.

A final foi um dia memorável: clima perfeito no elenco e a torcida toda presente, (mesmo que para vaiar, cornetar ou jogar copo de cerveja na turma do campo). A atmosfera positiva escondia os planos reservados pelo destino. A fatídica final entre Figêzinha e Santa Cruz seria o epílogo festivo da história de Totonho. Os noventa e poucos minutos do jogo foram vividos por ele da única maneira que sabia: com intensidade, entrega e energia.

Aos dez minutos do primeiro tempo, o Santa Cruz já estava com um jogador a menos, depois de cometer uma falta aos três, outra aos dez, e ainda tomar o segundo cartão amarelo. Apesar do jogador a mais, o Santa Efigênia não conseguia ser efetivo, exigindo dos treinadores mudanças drásticas, como a saída de um volante e de um lateral para a entrada de dois atacantes. Foi em jogada pela direita que o recém escalado Arthur sofreu falta próximo da área. Bateu e a bola viajou até o segundo 'pau', onde o zagueiro João botou a bola na rede. Delírio da torcida, da comissão, e, principalmente, de Totonho – que sentia o jogo como se estivesse dentro das quatro linhas. O segundo gol, também de cabeça, surgiu pelo mesmo lado direito, de cabeça, mas quem colocou a bola pra dentro desta vez foi Luigi, meia-atacante do time.

Mas o jogo não acabaria sem o Santa Cruz reagir. Em uma bola atravessada, o goleiro cai em câmera lenta, não consegue encaixar a bola e a devolve ao meio da área, onde o zagueiro do Santa Cruz arremata. A essa altura, nada mais afetava o elenco fechado do Santa Efigênia. O juiz apita o final da partida, os jogadores do banco invadem o gramado, Totonho corre, vibra e comemora, aproveita cada momento das caixas de cerveja prometidas antes do jogo.

[Conheça a localização do palco do jogo clicando aqui.](#)

Decadência

É uma noite quente de sábado, verão em Mariana. A distância de casa e dos campos de costume me faz sentir um aperto no peito, os suspiros fundos saem carregando consigo a saudade de onde gostaria de estar. Sem fotos por perto, a mente recria memórias de locais e situações vividas.

Nesta noite ainda me peguei pensando sobre um estádio de Barbacena que visitei poucas vezes, o Estádio Santa Teresa, mais conhecido como campo do Olympic Club. Apesar de não ter recordação do jogo que os flashes da memória trazem, a lembrança era de uma estrutura melhor do que aquela que vejo hoje em dia nos outros campos da cidade. A mais recente recordação que tenho do lugar é de um cenário em que as arquibancadas estão condenadas, e o estádio interditado.

A curiosidade me toma como há muito tempo não acontecia. “O que será que aconteceu com o estádio, no fim das contas? Como ele chegou ao ponto de precisar ser demolido?”. Decidi pesquisar na internet e foi então que percebi como a gente nunca conhece o suficiente sobre a história dos lugares que frequentamos... Mas vamos começar pelo início: às informações que encontrei na internet datam a inauguração do Estádio Santa Teresa em 1956. Naquela ocasião, o Botafogo de Futebol e Regatas participou do jogo comemorativo. Daí em diante, as informações mais factuais dizem respeito à novela em que se transformou o processo de interdição do Estádio, que teve início em meados de 2008 e só chegou perto de uma conclusão em 2022, quando as arquibancadas começaram a ser demolidas.

O que mais me interessava, no entanto, é o que estava entre a novela da demolição e a inauguração – e nesse meio existem histórias que, mesmo no convívio dos campos, eu nunca havia escutado. A principal delas fala de um grande jogador daquele mesmo Botafogo de Futebol e Regatas, mas da década de 40. É Heleno de Freitas, que não só morreu em Barbacena como frequentou o Estádio Santa Tereza no tempo em que morou na cidade.

A reportagem do jornal Super Esportes, de 2014, escrita por Renan Damasceno, apresenta o triste fim de carreira do então jogador, que morreu ainda jovem. Na época, meados de 1953, Heleno de Freitas foi internado no então Hospital Colônia com o diagnóstico de Sífilis – o que, naquela época, fragilizou-o muito. Ainda assim, a amizade com o médico Teobaldo Tollendal rendeu ao jogador algumas visitas ao estádio Santa Teresa, com direito a dar os pontapés iniciais de partidas festivas e de acompanhar, com frequência, os jogos realizados ali. Heleno faleceu em seu quarto no Colônia, sozinho, em 1959.

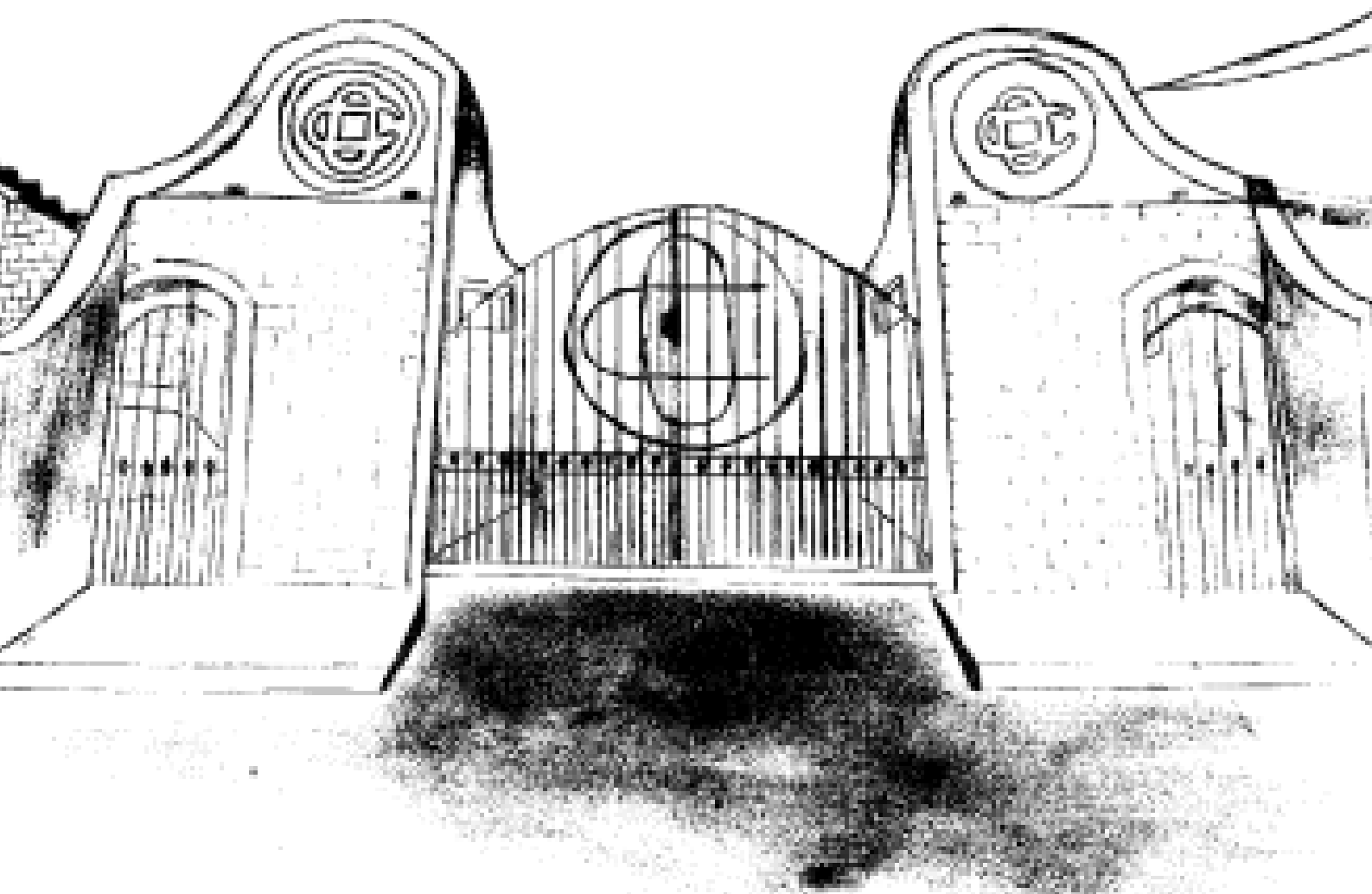
Confesso que não conhecia Heleno de Freitas e tampouco sua história, que, apesar de

curta, foi marcante para os grandes clubes do futebol nacional e sul-americano. Mas o enredo mencionado me despertou ainda mais curiosidade sobre a história do futebol barbacenense – interesse esse que acaba se misturado a uma pontinha de tristeza, ao imaginar não só o fim da vida do jogador, mas também o ‘fim’ do Estádio que, por tantas vezes, ele frequentou. As arquibancadas do Estádio Santa Teresa foram colocadas abaixo e, com elas, será quantas histórias também podem ter ‘morrido’?

As histórias do futebol e da cidade inevitavelmente se misturam, mas muitas coisas continuam não ditas, deixadas de lado. Assim como o Estádio Santa Teresa, os demais estádios com estrutura de arquibancadas, bilheterias e vestiários – Andaraí e Villa do Carmo – já viram dias melhores. Parte das arquibancadas também pedem socorro, alambrados velhos e enferrujados tombam no terreno com os fortes ventos e chuvas de verão... Outros, como o Campo do América, acabaram vendidos, abandonados e sem vida. Restam apenas os esqueletos do que, antes, acomodava torcidas barulhentas e dava brilho aos fins de semana agitados do futebol da cidade.

De certa forma, esses estádios largados às traças, tão deteriorados, demonstram o que vem acontecendo com o futebol varzeano na cidade. Os campos já não se enchem de espectadores como antigamente, os times tradicionais desaparecem à medida que os jogadores mais velhos se vão. Além disso, times que antes possuíam dois, três quadros de jogadores, entram em campo hoje com nove uniformizados.

Talvez a decadência seja também reflexo do sucateamento da própria liga de desportos, que parece se encontrar abandonada, com banheiros precários vazando urina, sem água. A sujeira se acumulando entre os documentos e em montes no chão, lixos cheios que nunca são trocados. Para um órgão que mal tem conseguido cuidar de si, voltar a organizar o futebol da cidade talvez não seja mesmo tarefa fácil. Por mais que aqui haja sintomas claros do típico saudosismo incorrigível, há também um pouco de verdade quando se diz que o futebol de Barbacena já não é mais o mesmo.



[Clique aqui e conheça a fachada da Arena Santa Teresa.](#)